

**O Futebol em Nelson Rodrigues:  
Crônica esportiva e identidade nacional**

Mestranda em  
História pela  
UFPR  
natasha@  
ig.com.br  
Doutor em  
História pela  
UFPR  
andrecapraro@  
onda.com.br

**Resumo:** O objetivo da presente pesquisa é resgatar e discutir, através da historiografia produzida acerca do assunto, a concepção de identidade nacional expressa nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues. Para tal, foram selecionados, em meio a teses, dissertações ou partes destas, três dos estudos mais representativos que abordam, especificamente, a relação entre identidade nacional, futebol e a crônica rodrigueana, levando-se em conta sua relevância para a pesquisa; e foram analisados textos que demonstravam a abordagem específica de Nelson Rodrigues da identidade nacional, exposta por meio do futebol em seus textos. A fim de atingir o objetivo proposto, foi utilizado o referencial teórico de Antonio Candido a respeito da perspectiva de texto e contexto que deve permear a análise do texto literário, junto ao procedimento metodológico de Carlo Ginzburg, o “paradigma indiciário”.

**Palavras-Chave:** literatura; futebol; nacionalidade.

Enviado em 15  
de março de 2011  
e aprovado em  
20 de setembro  
de 2011.

**Abstract:** This research aims to rescue and discuss the concept of national identity expressed in the Nelson Rodrigues’ sports chronicles, through historiography produced about the subject. Thus, it was selected three of the most representative studies that address specifically national identity, soccer and Rodrigues’ chronic, considering the relevance of research, looking for theses, dissertations, or parts of these; and the specific analysis of national identity, exposed through football in the writings of Nelson Rodrigues. In order to achieve the proposed objective, it was used the reference of Antonio Candido, about the perspective of text and context that should permeate the analysis of literary texts, within the methodological procedure of Carlo Ginzburg, the “evidential paradigm”.

**Key-words:** literature; football; nationalism.

## 1 Introdução

Entre os períodos das décadas de 1920 – quando da semana de arte moderna<sup>1</sup> – e 40, manifestações populares, como o carnaval, a capoeira, a música e, de modo mais tensionado, o futebol, são apoiadas como expressão cultural da nação. Trata-se de resquícios claros da segunda fase do Modernismo, quando houve um processo de nacionalização da cultura brasileira somado a outro de modernização das populações urbanas (OLIVEIRA, 2003). Este processo contava com a organização de esportes, sobretudo o futebol, concursos de marchas carnavalescas e desfiles das escolas de samba – e é nos anos de 1930 que o samba, o futebol e o carnaval se estabelecem como símbolos do país.

A partir da década de 1930, ocorreram mudanças no país que exigiram uma determinada ruptura com as teorias existentes até então sobre a identidade brasileira. Intelectuais como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda fizeram críticas ao comportamento do homem brasileiro, e o mestiço acabou por deixar, aos poucos, de representar o atraso do país, passando a ser símbolo do caráter nacional (ORTIZ, 1994). Assim, tais intelectuais não apenas debateram sobre a necessidade de se estabelecer uma identidade brasileira, mas também elaboram teses a respeito do que viria a ser uma “brasilidade”, pautada na mestiçagem, malemolência e criatividade. Freyre, principalmente, volta-se para a temática cultural como chave para compreender o Brasil, identificando que o mito das três raças encobre conflitos sociais, assim, torna difícil discernir as fronteiras de cor (em teoria), o que possibilita a todos se reconhecerem como nacionais (ORTIZ, 1994).

Tais ideais identitários foram apropriados por alguns cronistas esportivos que os disseminavam pelo restante da população, através do que era ainda um fenômeno novo no Brasil, que se confundia com outros setores da sociedade: o futebol. Já na Copa do Mundo de 1938,

Pela primeira vez terminavam as divisões entre amadores e profissionais, como os impedimentos à presença dos jogadores negros. Domingos da Guia atuava na defesa, Leônidas da Silva (o artilheiro do campeonato) no ataque. E, a 5 de junho, a seleção estreava com uma vitória de 6 a 5 sobre os poloneses (SOIHET, 2003, p. 299).

Entre os cronistas que atrelaram, no decorrer das décadas seguintes, o futebol a ideais de identidade nacional, encontra-se Nelson Rodrigues, dramaturgo que representa parte importante do amálgama futebol-identidade-literatura. Nesse sentido, e sabendo que pesquisas referentes a análises, sob diferentes perspectivas, da obra de Nelson Rodrigues são de certa forma já bastante exploradas<sup>2</sup>, o objetivo do presente estudo é discutir

2 Nesse rol de trabalhos, pode-se citar: *A crônica esportiva de Nelson Rodrigues*, de Douglas Ricalde; *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson*

e relacionar algumas dessas produções. Para tal, foram selecionados três dos estudos mais representativos<sup>3</sup> que abordam, especificamente, a relação entre identidade nacional, futebol e a crônica rodrigueana. Assim, a seleção de trabalhos a serem discutidos se deu com base em dois aspectos, sendo eles: 1) a relevância da pesquisa, isto é, buscaram-se teses, dissertações ou partes destas; e 2) a abordagem específica da identidade nacional, exposta por meio do futebol nos textos de Nelson Rodrigues.

A fim de atingir o objetivo proposto, foi utilizado o referencial teórico de Antonio Candido que se refere à perspectiva de texto e contexto, que deve permear a análise do texto literário, e também o procedimento metodológico de Carlo Ginzburg, o “paradigma indiciário”.

## 2 O futebol e um ideário de nacionalidade na crônica esportiva

Inevitavelmente, ao se tratar de um ideário de identidade nacional na obra de Nelson Rodrigues, faz-se necessário retomar Mário Rodrigues Filho, seu irmão. Frequentemente mencionado nos estudos referentes ao dramaturgo, Mário Filho foi um importante agente na valorização do negro no futebol. Com título de “O Negro no Futebol Brasileiro”, em 1947, a crônica do autor buscava mostrar a participação do futebol na constituição de uma nação integral a partir das relações raciais no esporte que, para o autor, teriam superado as tensões que existiam antes. É o que explicam Helal e Gordon Jr:

Como num quebra-cabeça, partindo de “causos” (alguns talvez fictícios) da tradição oral do futebol, Mário Filho teria recortado e montado uma estrutura narrativa, cujo objetivo era mostrar como o futebol teve uma participação decisiva na democratização racial e, portanto, na construção de uma nação integral (HELAL; GORDON, 2001, p. 53).

Um dos principais elementos identitários colocados é a miscigenação brasileira, que antes causava vergonha, mas que, no futebol, teria se caracterizado como o motivo dos bons resultados diante dos demais países (SOARES; LOVISOLO, 2003). Mário Filho, ao tratar do negro no futebol brasileiro, foi influenciado não apenas por Gilberto Freyre, mas também por um “freyrismo popular”, isto é, por uma crença de que no Brasil não existiria preconceito racial (SOARES, 2001).

Entre os principais literatos freyreanos, além de Mário Filho, estão José Lins do Rego e, por grande influência daquele, Nelson Rodrigues. Assim, estabelecia-se a crença de uma característica tipicamente brasileira ao jogar futebol, baseada na agilidade e im-

---

*Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*, de Luiz Borges; *Nelson Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: o projeto teatral rodrigueano em aliança com a Sociologia freyreana*, de Henrique de Gusmão; *Eficiência X Jogo de Cintura: Garrincha, Pelé, Nelson Rodrigues, Cinema, Futebol e Construção da Identidade Nacional*, Victor Andrade de Melo.

3 As obras selecionadas são as seguintes: *O Futebol em Nelson Rodrigues*, de José Marques; *O futebol no Brasil como sinônimo de êxito nacional? As representações literárias da nação na obra de Nelson Rodrigues dos anos 1950*, de Alexandre Godoy; e “*Com Brasileiro Não Há Quem Possa*”: *futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*, de Fátima Antunes.

provisação, que diferenciava os jogadores nacionais dos demais, enaltecendo a mestiçagem e malandragem. E tudo isso aparece como um resgate da década de 1920, quando o modernismo acentuava a importância do negro, mestiço e índio na formação da raça brasileira (OLIVEIRA, 2003).

A passagem do amadorismo ao profissionalismo no futebol, no cenário das décadas de 1930 a 80, era um momento em que se consolidava não só o esporte, mas também a crônica esportiva (MARQUES, 2000), a qual se estabeleceria devido, principalmente, à contribuição de Mário Filho nas décadas de 40 e 50:

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem na imprensa esportiva (MARQUES, 2000, p. 17).

O gênero “crônica”, de acordo com Candido (1992), seria definido como uma intersecção entre literatura, jornalismo e vida social e cotidiana, de caráter provisório, momentâneo. Tendo em vista que circula em jornais, a crônica aborda notícias do dia a dia, no intuito de atrair o leitor. Daí a sua efemeridade. Nesse sentido, o elemento social e histórico não deve ser considerado como externo à produção, mas como um elemento *externo* que se torna *interno* à obra literária, e essa é a razão da impossibilidade de se negar uma interpretação estética, já que esta assimila a dimensão histórica-social como “fator de arte” (CANDIDO, 2000).

É nesse contexto que o futebol se insere como uma tradição inventada, isto é, “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas” (HOBBSAWM; RENGER, 1997, p. 9) que estabelecem uma continuidade com o passado. No caso brasileiro, o esporte em questão foi colocado e reforçado por literatos – através das crônicas, em especial –, como uma prática essencialmente nacional, cujas peculiaridades brasileiras seriam a ginga, a malícia e o improviso no jogo (SOARES, 2003). A partir da concepção do esporte como um fenômeno social das massas, alguns intelectuais passaram a refletir sobre alguns dos dilemas envolvidos na sociedade brasileira, expressando-se por meio das produções artísticas mais variadas.

Tal como exposto anteriormente, as proposições “popularizadas” de Gilberto Freyre, no que concerne ao homem negro e mestiço, bem como à sua singularidade no esporte, ganham força e são reafirmadas por literatos brasileiros, via jornais, principalmente. Freyre influenciou uma geração de literatos e contribuiu para uma nova interpretação do Brasil, segundo a qual a figura do mestiço se fazia valer nas representações futebolísticas (SOARES, 2003). Assim como mostra a crônica abaixo:

Todavia, ninguém contava com o *homem brasileiro*. Cada um de nós é um pouco como o Zé do Patrocínio. O “Tigre da Abolição” era sus-

cetível às mais cavas e feias depressões. Sua retórica sempre começava fria, gaguejante. Seus amigos, porém, iam para o meio da massa e começavam a berrar: – “Negro burro, negro analfabeto, negro ordinário!”. E, então, Patrocínio pegava fogo. Dizia coisas assim: – “Sou negro, sim. Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria”. Para assumir a sua verdadeira dimensão, o escrete precisava ser mordido pelas vaías. Foi toda uma maravilhosa ressurreição (RODRIGUES, 1994, p. 160)

Para Nelson, influenciado pela ótica do irmão Mário Filho, o homem brasileiro precisava assumir que era mestiço e se orgulhar disso. Nesse sentido, o autor eterniza o futebol, transformando seus personagens (no caso, Zé do Patrocínio) em “heróis míticos”, cujos dramas acabam por envolver o leitor (ANTUNES, 2004).

Sevcenko (1999) reafirma o fato de o historiador ocupar-se da realidade ao passo que o escritor mantém-se próximo da possibilidade. Mesmo que não haja um compromisso deste com as vias de fato, o contexto sócio-histórico é interpretado pelo autor e se manifesta na obra de maneira artística, quando acaba por se estabelecer como um elemento da estrutura do texto. A intensidade dessa manifestação é diretamente influenciada pelo gênero literário, pela escola a que pertence o autor, bem como pelas características de escrita deste.

Referindo-se ao gênero literário, Ginzburg (2004) estabelece o que seria a *literatura de fronteira*, correspondente a narrativas com determinado grau de pretensão à verdade e que, por isso, situam-se na linha tênue entre ficção e realidade. Aqui se podem destacar três gêneros: o romance histórico, o ensaio de cunho sociológico e a crônica (CAPRARO, 2007). Portanto, mesmo que a crônica apresente uma relação quase fundida com o jornalismo, descrevendo acontecimentos cotidianos, ela é marcada pela estética literária que, sobretudo no caso de Nelson Rodrigues, mantém o texto mais próximo à ficção, graças à sua linguagem.

Os discursos de Nelson eram, via de regra, eivados de valores tradicionais, representados por meio do saudosismo, da paixão, do improviso, do individualismo, da malícia, da ginga, enfim, de atributos que, segundo os escritores, representavam a autenticidade do povo brasileiro. Essas manifestações estavam carregadas de subjetividade e, por que não dizer, de criação literária...

Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: – o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro (RODRIGUES, 1993, p. 50).

Tal literatura jornalística engajada no acentuar da brasilidade, baseada nos cotidianos fatos esportivos, padronizaram, de acordo com um modelo macroexplicativo, o já existente sentimento de nacionalidade, que se dava por meio do futebol. Dessa maneira, a postura dos cronistas era transmitida a todas as camadas da sociedade, reafirmando o esporte como um ponto essencial da identidade do país. E, em se tratando de literatura

jornalística, Nelson Rodrigues se faz perceber. Suas explicações passionais, acompanhadas de uma estrutura estética ímpar, acabavam abraçadas pelo público, ou mesmo criticadas, mas, de qualquer forma, eram sempre polêmicas.

### 3 O futebol na obra de Nelson Rodrigues

Ao retornar às fontes, ou mesmo a análises como a de Fátima Antunes (2004), percebe-se que, antes das vitórias em 1958 e 1962, Nelson já tratava o futebol como uma das paixões do povo brasileiro. Os discursos, carregados de um ideário de nacionalidade, faziam-se presentes mesmo nas derrotas da seleção brasileira, pois, para Rodrigues, o país sempre teve o melhor selecionado do mundo. “Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse ‘perdemos’ e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis” (RODRIGUES, 2004, p. 219). O cronista acreditava que o problema consistia na falta de autoconfiança, na postura submissa que os brasileiros assumiam diante de uma nação estrangeira, o que o literato veio a nomear “complexo de vira-latas”, assumindo a metafórica relação entre os cães com *pedigree* e os sem raça:

[...] a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores, e sobretudo no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade... Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender (RODRIGUES, 1993, p. 52).

O termo “vira-latas” – depois transformado inclusive em um conceito, o de viratismo – fazia referência clara, e crítica, às teses eugênicas que predominaram no país nas primeiras décadas do século XX, posteriormente superadas, sobretudo, por Gilberto Freyre, de quem Nelson emprestava teorias (CASTRO, 1992).

No período de 1931 a 37, cresce o número de leitores e, assim, os livros apresentavam diagnósticos e projetos para “salvar” o país – já que, com a Crise de 1929, os livros brasileiros ganham competitividade diante dos importados (OLIVEIRA, 2003). Entre as editoras que se firmam no cenário, a José Olympio se torna a maior. Muito embora houvesse tanto publicações integralistas quanto comunistas, e mesmo algumas obras apreendidas pela censura, a José Olympio (e alguns dos escritores) mantinham determinada admiração pelo então presidente, Getúlio Vargas. E é aqui que entra Nelson Rodrigues.

A José Olympio se tornou um ponto de encontro de grandes nomes da literatura brasileira. Entre escritores de variados gêneros, contava-se com: José Lins do Rêgo, Mário Filho, Nelson Rodrigues, Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, João Condé, Graciliano

Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Aurélio e Sérgio Buarque de Holanda, além de Gilberto Freyre, cujas visitas à editora eram frequentes (CASTRO, 1992; HOLLANDA, 2004; ANTUNES, 2004; CAPRARO, 2007). Soma-se a tal fato a aliança entre Getúlio Vargas e Samuel Wainer na fundação do jornal “Última Hora” (FERREIRA, 2008), onde Nelson Rodrigues escreveu os contos quase diários de “A Vida Como Ela É...”, entre os anos de 1951 e 1961.

Assim, mesmo que Nelson buscasse uma postura neutra em relação à política – tendo em vista o empastelamento do jornal do pai com a Revolução de 1930 (CASTRO, 1992) –, acabava por esboçar alguns dos ideais de Vargas, também debatidos pelos escritores com quem se relacionava. Este artigo irá tratar dos ideais expressos nas crônicas esportivas a seguir.

## I

Pois bem, o primeiro dos estudos selecionados se refere ao livro da socióloga Fátima Antunes (2004), intitulado *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*<sup>4</sup>, no qual realiza uma análise da construção de uma identidade brasileira atrelada ao futebol nas crônicas dos escritores citados no título acima. Tal estudo é de cunho sociológico e visa à identificação das categorias estabelecidas no discurso da crônica, somada às transformações que estas sofreram no decorrer do tempo.

No capítulo em que trata de Nelson Rodrigues – “Nelson Rodrigues e o dilema do homem brasileiro: vira-latas ou moleque genial?” – Antunes (2004) elenca crônicas esportivas dos anos de 1955 a 1970. Tal como se pode perceber, o intervalo de tempo escolhido pela autora abrange diferentes momentos do futebol brasileiro: vai da Copa do Mundo de 1958, em que prevalecia um discurso pessimista, tendo em vista o fracasso em 1950 e 54, até 1970, com o êxito do tricampeonato mundial. Desse modo, o objetivo de Antunes é perceber a edificação da identidade nacional, pautando-se nas posições paradoxais – tendo em vista a exacerbação da passionalidade – manifestas pelo teatrólogo nas situações de vitória ou derrota da seleção brasileira.

A socióloga faz uma aproximação entre o teatro e a crônica rodrigueanos, no sentido de que esta é carregada de drama, estética, bem como teatralidade. Tal como expõe Magaldi (2010, p. 72), ao tratar dos roteiros de Nelson Rodrigues, “é fácil concluir que Nelson não recebia de bom grado a realidade. Na melhor das hipóteses, ela o incomodava, pelo séquito de desagradados que a acompanham”. A lógica rodrigueana se encontra nos elementos fictícios proporcionados pela estética literária, e, inevitavelmente, o cronista se deixava levar pelo teatrólogo. E esse compromisso com a arte é o que difere Nelson Rodrigues dos demais cronistas. Nelson compartilhou da tese de Freyre, entretanto, ao contrário de Mário Filho, sua preocupação não era diretamente voltada a uma matriz teórica, mas à plástica do jogo que podia ser dramatizado na narrativa e, assim, redefinido. Diferentemente de seu irmão, o autor de “Anjo Negro” não era engajado no jornalismo esportivo: o futebol estava preso a uma rotina repetitiva demais para Nelson, o que, de certa maneira, fez com que ele, ao contrário de José Lins do Rêgo, por exem-

4 Livro publicado a partir da tese defendida em 1999, pela Universidade de São Paulo.

plo, “reinventasse” o esporte. “Nos textos de Nelson Rodrigues o futebol se dramatiza, algumas vezes chegando até a ficar épico” (CAPRARO, 2007, p. 283), todavia, mesmo voltado a questões estéticas, Rodrigues construiu uma interpretação de brasilidade amplamente difundida nos diferentes meios.

No decorrer da análise, Antunes expõe cuidado ao tratar do uso da literatura na análise sociológica, utilizando-se da fala de Sevcenko (1999), tendo em vista que o compromisso da primeira se dá em grande parte com fantasia. Complementando a fala de Sevcenko, cabe ressaltar que o uso da literatura como fonte não deve se limitar à busca de indícios que permitam estabelecer as expressões de um período específico nem estabelecer uma determinada sociedade em um determinado contexto, mas compreender a obra em seu “nível explicativo e não ilustrativo” (CANDIDO, 2000). Nesse sentido, tal como exposto anteriormente, o contexto social e histórico deve ser levado em consideração junto ao elemento artístico peculiar a cada autor, ou seja, texto (caracterizado pela autonomia do autor) e contexto devem ser fundidos ao se analisar a crônica. Assim, Antunes faz bem ao reiterar a trajetória de vida do autor como um fator de influência na maneira com que o cronista representa os acontecimentos, chamando a atenção para o fato de, na época, muitos literatos terem outras atividades que não a crônica esportiva.

De acordo com Freitas Júnior, a pesquisa de Fátima Antunes destaca:

[...] a questão do envolvimento dos cronistas com as equipes de futebol da época, mostrando que, durante muito tempo, se acreditou que a função do cronista fosse retratar o clima da arquibancada e, para ser o mais fiel possível na descrição, ele frequentava os estádios como torcedor – o que poderia ser considerada uma pesquisa etnográfica, não fosse o fato de estes literatos manterem o envolvimento no momento de escrever as suas crônicas. Para uma parte significativa das crônicas que escrevia sobre o futebol, o cronista não podia ser neutro, pois, para ele, o que movimentava o futebol era a paixão. (FREITAS JÚNIOR, 2009, p. 19-20)

Em oposição a tais variáveis, Antunes defende a ideia de que o discurso dos cronistas coincidia com as teses debatidas por alguns intelectuais da época – como Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, em especial – quanto às peculiaridades do povo brasileiro. A partir das crônicas de Nelson Rodrigues, a autora busca mostrar que a derrota brasileira de 1950 representou um fracasso coletivo, resultando em uma *reverberação do racismo*, exposta, principalmente, por Mário Filho, na reformulação de “O Negro no Futebol Brasileiro”, de 1964. A consequência de todas essas representações foi o pessimismo nos discursos, no período antecedente à vitória do campeonato de 1958, e também a criação de um mito construído em torno do embranquecimento da seleção que foi formada (FREITAS JÚNIOR, 2009, p. 21).

Em 1958, havia um sentimento difuso entre torcedores e jornalistas de que os jogadores de futebol *tremiam* quando enfrentavam estrangeiros e de que o Brasil só ganharia a Copa do Mundo no dia de São Nunca. Nas crônicas que publicava em *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues era uma voz isolada contra a unanimidade. (ANTUNES, 2004,

p. 213) [grifos da autora]

Nelson Rodrigues mantinha a opinião de que o problema do brasileiro não era técnica ou tática, mas o complexo de inferioridade diante do estrangeiro, e frisava em seu discurso o apoio ao selecionado e a grandeza do seu futebol.

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós (RODRIGUES, 1993, p. 44).

Ora, pode-se estabelecer que as três características principais dos textos do cronista eram a obsessão, o exagero e a aversão a todo tipo de unanimidade, sendo esta aversão o que justificaria o otimismo do autor, em contraposição ao pessimismo praticamente unânime de outros cronistas quanto à seleção brasileira. Esse posicionamento de Rodrigues se enquadra na proposta de Candido (2000) sobre a autonomia do autor, que envolve não apenas questões artísticas, mas também questões sobre a vida do autor, que determinará sua posição social, bem como peculiaridades na escrita.

Pois bem. Houve um fato que marcou a vida dos Rodrigues e lapidou a maneira de escrever de Nelson: o assassinato do irmão Roberto (MAGALDI, 2010). E como o autor mesmo escreveu:

E, segundo o romancista, eu estaria fazendo, ali, uma imitação da vida. Era Roberto que morria outra vez, assassinado outra vez. E confesso: – o meu teatro não seria como é, nem eu seria como sou, se eu não tivesse sofrido na carne e na alma, se não tivesse chorado até a última lágrima de paixão o assassinato de Roberto (RODRIGUES, 1993, p. 125).

Da mesma forma com que o dramaturgo descrevia tragédias passionais em seus textos, Roberto retratava morbidez e sexo em seus desenhos, os quais eram publicados no jornal *Crítica*, um periódico sensacionalista de propriedade de Mário Rodrigues. Sensacionalismo este que causaria as desventuras familiares.

A partir de rumores do desquite de um conhecido casal da sociedade carioca, a equipe do *Crítica* foi averiguar a história com a esposa, Sylvia Seraphim, que não permitiu nenhuma publicação sobre o assunto. Entretanto, o periódico publicou matérias sobre a separação ofensivas à Sylvia, de certa forma. Ela, ao ler as publicações, foi até o jornal, armada, procurando por Mário Rodrigues, e como ele não se encontrava lá, Roberto se dispôs a atendê-la e levou o tiro no lugar de seu pai, morrendo horas depois pelos agravamentos infecciosos ocasionados pela bala. Cerca de dois meses depois, Mário Rodrigues, que muito se culpava pelo assassinato do filho, sofreu um “insulto cerebral hemorrágico” e acabou falecendo. Algum tempo depois, Sylvia Seraphim foi absolvida por uma maioria que, aos Rodrigues, soava como uma verdadeira unanimidade (CAS-

TRO, 1992, p. 84-100). Esse é um dos motivos que levaram Nelson a crer, invariavelmente, que toda unanimidade é burra.

Nesse sentido, o otimismo quase isolado de Nelson Rodrigues, quanto ao selecionado de 1958, talvez não representasse efetivamente a crença incondicional no futebol brasileiro, mas apenas a desconfiança de ideias defendidas por uma maioria absoluta. Além disso, há um fator profissional. Nelson sabia que a polêmica acabava atraindo tanto aqueles que concordavam com seu posicionamento, quanto os que discordavam. Assim, quer fosse amado ou odiado, ele tinha um número significativo de leitores, o que garantia seu emprego.

De uma forma ou de outra, portanto, a defesa da qualidade técnica e tática dos jogadores fez com que os seus textos ganhassem quase um tom profético. Ainda no mesmo período, o dramaturgo passa a atribuir o fracasso da seleção nacional à falta de organização da equipe, embora não deixasse de mencionar que o jogador deveria recuperar sua autoconfiança para se sair bem em campo. Assim, estabelece dois tipos ideais: Pelé e Garrincha. “Nelson reconhecia no garoto Pelé todos os atributos que faltavam ao jogador brasileiro: era um verdadeiro rei e se portava como tal, pois tinha convicção da sua superioridade” (ANTUNES, 2004, p. 223). Ou seja, não só descrevia as características essenciais ao atleta brasileiro, como também reafirmava a necessidade em se impor a superioridade do país. E mais,

Sobre Garrincha, dizia Mário Filho que quando fazia suas “peripécias”, instaurava-se um verdadeiro deleite estético em todos os espectadores, independente do clube de preferência. Seu irmão, Néelson Rodrigues, o comparava a Charles Chaplin, por essa habilidade de congregar todos em torno de uma alegria em comum, em torno de uma gargalhada (MELO, 2006, p. 284).

Entretanto, passados a euforia, o orgulho e o patriotismo depois das conquistas de 1958 e 62, veio a desclassificação em 1966 e, com ela, a busca por justificativas. Aqui, segundo Antunes, o literato entra em contradição, uma vez que passa a criticar a boa educação do brasileiro, defendendo o jogo violento, viril, tipicamente europeu:

Nelson gostaria de ver mais agressividade no comportamento do brasileiro. Esse julgamento, porém, coincidia com um momento em que o Brasil estava em desvantagem no *ranking* do futebol. Também após 1950, cobrou-se de Bigode o revide do tapa de Obdúlio. Em 1958 e 1962, Nelson não se lembrou de cobrar um comportamento viril e exaltou a molecagem do homem brasileiro, capaz de vencer os truculentos europeus, em embates que lembravam os bíblicos Davi e Golias (ANTUNES, 2004, p. 240).

Isso era uma regressão ao complexo de vira-latas, que jamais deixou de existir. O bicampeonato teria sido apenas uma ilusão. E, em 1970, com a conquista do tri, Nelson Rodrigues intensificava seu discurso sobre a identidade brasileira, uma vez que as manifestações relacionadas ao futebol representariam um sentimento de união nacional.

Entretanto, cabe aqui uma ressalva à análise de Antunes. Retornando à fonte

em que Nelson Rodrigues trata da referida truculência europeia, encontra-se a seguinte passagem:

O Brasil naufragou num mar de contusões por isso mesmo: – porque sabia apanhar e não sabia reagir. O ilustre acadêmico está rigorosamente certo. Hoje, depois do pau que levamos, aprendemos que o craque brasileiro tem de ser reeducado. Digo “reeducado” no sentido de virilizar o seu jogo. Amigos, o Mário Pedrosa está fazendo um ensaio sobre o futebol. É um pensador político, um crítico de artes plásticas, homem de uma lucidez tremenda. Ora, o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata. E o nosso Mário Pedrosa sabe disso e foi um dos sujeitos que sofreram na carne e na alma fracasso da seleção. Pois espero que, no seu ensaio, inclua todo um capítulo assim titulado: – “Da necessidade de baixar o pau”. (RODRIGUES, 1993, p. 152).

Quanto à literatura e à vida social, faz-se necessária também a inter-relação entre a posição do artista, a configuração da obra e o público (CANDIDO, 2000, p. 22-32). Ou seja, a posição do autor aparece como parte da estrutura da sociedade e, sendo assim, cabe verificar o papel que ele ocupa nesta. Esse papel irá interferir diretamente na configuração da obra, a qual depende do artista e da sua posição social – pois os valores e ideologias do autor, por exemplo, marcarão o conteúdo do texto a ser analisado. E, além disso, do mesmo modo dos elementos supracitados, o receptor da obra (sobretudo a literária) sofre influências sociais e dá sentido a esta, ligando-a ao seu próprio autor.

Além da influência do público leitor, Antonio Candido (1992) trata ainda da efemeridade da crônica, uma vez que, assim como as notícias dos jornais, ela era algumas vezes assunto de discussão entre leitores e outras, embrulho de pão. Nesse sentido, mudam-se os fatos; mudam-se as opiniões; mudam-se os discursos estabelecidos nos textos literários. É verdade que Nelson não costumava mudar de opinião com a mesma frequência dos fatos – singularidade que lhe rendeu o apelido de “flor de obsessão”<sup>5</sup> –, entretanto, não se pode esquecer que ele escrevia como torcedor e, principalmente, para torcedores. E todo bom torcedor queria, naquele momento, que os jogadores brasileiros revidassem a injusta violência física, que não permitia o bom desempenho do futebol nacional – a violência era necessária para a permanência na competição.

E mais: Mário Filho, já em 1964, na segunda edição de “O Negro no Futebol Brasileiro”, permite pensar o suposto racismo de que trata após a derrota da Copa de 1950, como o reflexo da necessidade do brasileiro em achar um culpado para a decepção de ser derrotado justamente no esporte que representava, com graça, as peculiaridades nacionais (SANTOS, CAPRARO, LISE, 2010). O brasileiro já não sabia perder desde 1950. E isso fica evidente a cada derrota em Campeonatos Mundiais – seja em 1966, com a falta de violência contra o adversário, ou em 2010, com o excesso de violência do atleta Felipe Melo.

---

5 “Sou um obsessivo e houve alguém, se não me engano, o Cláudio Mello e Sousa, que me chamou de “flor de obsessão”. Exato, exato, e graças a Deus. O que dá ao homem um mínimo de unidade interior é a soma de suas obsessões.” (RODRIGUES, 1993, p. 28).

## II

Um segundo estudo a ser observado, de temática similar ao anterior, é o de José Marques (2000). Sob o título de *O Futebol em Nelson Rodrigues*<sup>6</sup>, o autor tomou como material de análise uma seleção de 350 crônicas esportivas, das quais 170 ainda não haviam sido coletaneadas. O critério para a escolha dos textos foi o objetivo de englobar os relatos acerca de campeonatos regionais e Copas do Mundo, entre 1958 e 1966, a fim de verificar as formas com que oscilou o discurso de Nelson, nos momentos de glória e derrota no futebol. Embora o objetivo da pesquisa esteja bastante próximo ao estabelecido por Fátima Antunes – alterando, em um primeiro momento, apenas o recorte temporal e a inclusão de campeonatos regionais –, Marques realiza uma análise mais linguística da abordagem futebolística na crônica. Propõe, assim, o que seria uma “filiação” de Nelson Rodrigues à estética neobarroca, teorizada por Severo Sarduy e posteriormente por Omar Calabrese. Analisa, portanto, não o papel do futebol em si, mas a maneira como se dá a manifestação de elementos do neobarroco – cujo conceito define e defende características de uma cultura miscigenada – na crônica esportiva deste literato.

Essa estética barroca de que fala Marques se estabelece na crônica de Nelson na forma de exagero textual, excessivamente carregado de hipérboles, a ponto de tornar o futebol mais importante do que os problemas sociais. Nas palavras de Marques (2000, p. 134), “O excesso nas crônicas de Nelson serve assim como superação de limites e como espaço desestabilizador”. Todavia, não se pode esquecer que o autor era um cronista esportivo e, como tal, deveria atentar para os acontecimentos dos gramados e arquibancadas. Somado a isso, como exposto previamente, segundo Magaldi (2010), é possível perceber por meio dos roteiros rodrigueanos uma determinada aversão à realidade, o que não é diferente nos contos e nas crônicas. Daí o exagero literário com requintes estéticos que aproximam suas crônicas da ficção, tornando o futebol o maior dos problemas sociais em um período em que o esporte em si não era reconhecido como um assunto “sério” – essa falta de seriedade era reconhecida por alguns literatos da época. Sendo o caso de Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado e o grupo intelectual da USP – Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, Florestan Fernandes, Otavio Ianni e o próprio Antonio Candido. Na literatura, podem ser citados também Érico Veríssimo (embora o filho venha a gostar de futebol), José Mauro de Vasconcelos (autor de *Meu Pé de Laranjas Lima*), Antonio Callado (autor de *Quarup*), entre vários outros.

Quanto a Nelson Rodrigues, pode-se dizer que ele parecia frustrado por não sobreviver do teatro:

Eu era, então, cronista esportivo. E me humilhava, e me ofendia estar escrevendo sobre futebol. Saíram vários retratos meus, mas ao lado de nadadores, de jogadores e do Homem-Peixe. Sodré Viana me dizia: – “Você tem que deixar o esporte, rapaz”. Uma tarde, levei o Roberto Marinho para a sacada e pedi-lhe para ser crítico literário de O Globo. Ele achou, no meu pedido, uma graça compassiva. E eu continuei fazendo futebol. Minto. Já trabalhava, então, no Globo Juvenil. Era

---

<sup>6</sup> Livro publicado a partir da dissertação defendida em 1998, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

uma revista de história em quadrinhos, que estava fazendo um impressionante sucesso. E eu me sentia mais seguro de mim mesmo, porque escrevera uma peça e porque saíra do futebol (RODRIGUES, 1993, p. 156).

Eis outro motivo que justifica o exagero literário: se escrever crônicas esportivas era mais rentável que as peças censuradas, por que não levar a teatralidade ao futebol? É nesse sentido, lapidando os fatos futebolísticos, que o dramaturgo estabelece o esporte naquilo que seria o limiar entre a imaginação e os lances do jogo. Desse modo, Marques sugere que, mais do que apenas textos, o autor de *Álbum de Família* produzia “narrativas de futebol” de construção puramente literária. Ora, Fátima Antunes (2004), ao analisar as constituições representativas da identidade nacional também aponta para esse exagero, que, de acordo com a sua análise, é compatível com a “teatralidade” impressa na crônica esportiva rodrigueana. O que faz muito sentido, porque:

Nelson não deixa de mostrar-se sensível às questões sociais, expondo as conseqüências da miséria no comportamento de suas criaturas, mas se apega particularmente aos mistérios insondáveis da aventura humana, ao sentido metafísico da finitude e suas implicações éticas, à razão de ser da passagem terrena (MAGALDI, 2010, p. 191).

Não se pode esquecer que Nelson Rodrigues era um teatrólogo que via a crônica como uma renda extra, mesmo que não fossem altos os rendimentos dos cronistas, e, inevitavelmente, levaria a dramaticidade com que tratava os mistérios humanos para a subjetividade do futebol. Mais do que o jogo, Nelson buscava descrever os instintos do atleta que guiava a bola. Isso fica claro na narrativa de Freitas Júnior (2009) a respeito da entrevista do jornalista Geneton Moraes Neto com o dramaturgo, marcada no mesmo horário de um amistoso entre Brasil e Peru, em 1978:

De acordo com Moraes Neto, a entrevista foi marcada no dia do jogo entre Brasil e Peru, fato que surpreendeu o jornalista, levando-o a acreditar que havia errado a data ou horário da entrevista, pois, como poderia o então consagrado Nelson Rodrigues deixar de assistir a um jogo do selecionado para atender a um desconhecido jornalista, que escrevia para *O Globo* (jornal em que o cronista já havia trabalhado). Para a surpresa de Geneton, tudo estava correto e ele fora bem recebido ao chegar à casa do entrevistado (FREITAS JÚNIOR, 2009, p. 101).

O selecionado brasileiro venceu por 3 X 0 e, para a surpresa de Geneton, mesmo sem ter assistido ao jogo Nelson publicou no jornal *O Globo* o seguinte texto:

O jogo Brasil X Peru, ontem, no Mario Filho, não assustou a gente. Diz o João Saldanha: “O Brasil fez seu jogo, jogo brasileiro”. Vocês entendem? Não há mistério. O brasileiro é assim. Quando um de nós se esquece da própria identidade, ganha de qualquer um. Outra coisa formidável: na semana passada, um craque nosso veio me dizer: “Nel-

son, é preciso que você não se esqueça: ao cretino fundamental, nem água”. O jogo foi lindo (RODRIGUES, 2009, p. 102).

Assim, fica claro que para Nelson Rodrigues o futebol seria embasado na fantasia e estabelecido pelo exagero de que os pesquisadores acima citados tratam. Independente do resultado do jogo, a criação se faz de acordo com a identidade brasileira que, uma vez reconhecida, traz a vitória, sendo assim o fator determinante para o resultado de uma partida. O que se altera nas crônicas de Nelson não é a dinâmica do jogo em si, mas os momentos do brasileiro, que definiam uma partida linda ou trágica.

### III

Por fim, cabe citar um dos artigos que compõe a tese de doutorado de Alexandre Godoy (2008), “O futebol no Brasil como sinônimo de êxito nacional? As representações literárias da nação na obra de Nelson Rodrigues dos anos 1950”<sup>7</sup>. A partir de algumas crônicas, textos teatrais e jornalísticos de Nelson Rodrigues, Godoy busca relacionar o futebol brasileiro e as representações literárias de nação. Nesse sentido, o autor do estudo em questão investiga o modo com que o teatrólogo estabelece tais representações junto a imagens identitárias, para interpretar como o esporte bretão revelava o desastre de o Brasil se apresentar como uma “nação moderna”. Essa noção de fracasso, segundo Godoy, é recorrente em seus escritos da década de 1950, ora na figura trágica que acompanha seus personagens (no teatro), ora na frustração de um jogo de futebol mal-sucedido (nas crônicas).

Entretanto, no Brasil do início do século XX, embora o caráter “popular” do futebol já fosse atribuído por cronistas da época, sua posição era bastante ambígua para esses profissionais das letras impressas, ora representando o jogo como amálgama cultural, ora como desordem social (GODOY, 2008, p. 270).

A análise de Godoy também revela o que Antunes (2004) já havia tratado, que seria uma variação do discurso do cronista que ora representava o esporte como símbolo cultural, ora como fracasso. O autor, entretanto, foca nas representações do fracasso brasileiro e aborda algumas especificidades da crônica moderna rodrigueana, uma vez que:

É o estilo teatral da crônica de futebol de Nelson Rodrigues que o permite jogar com representações antitéticas da realidade para construir um terceiro sentido ou representação liminar que dará um significado para além do conteúdo explícito do enunciado. Por isso, é uma crônica que se assume como linguagem e, nesse sentido, é esteticamente moderna. Todavia, isso não significa que seu objetivo seja o de confirmar

<sup>7</sup> Este artigo é parte integrante, mas modificada, da tese *Nelson Rodrigues: o fracasso do moderno no Brasil - 1940-50*, PUC-SP, 2005 – cujo objetivo é refletir sobre o conceito de “moderno” estruturado entre o final do século XIX e os anos 1920, no Brasil, por meio da obra teatral de Nelson Rodrigues. Nesse sentido, manteve-se o foco no artigo citado previamente.

ou reificar a modernidade na qual está imersa historicamente. Dito de outro modo, o cronista utiliza a linguagem para mostrar, inversamente, o fracasso de nos representarmos enquanto uma identidade forte e coesa na coletividade, sinônimo de uma “nação moderna” (GODOY, 2008, p. 273).

Aqui, pode-se estabelecer duas relações com Marques (2000) e Antunes (2004). Na primeira delas, quanto à noção de modernidade, o autor se refere ao esforço da nação brasileira, aos fins da década de 1950, após a vitória na Copa de 58, em redemocratizar o país, ou seja, o povo e Estado unidos buscavam um desenvolvimento cultural e socialmente moderno. Assim, Nelson Rodrigues denunciava em seus escritos o fracasso dessa nação dita moderna. A origem de tal fracasso pode ser buscada em “Retrato do Brasil”, publicado em 1928, em que, segundo Antunes (2004), Paulo Prado estabeleceu o que seria um ensaio sobre a tristeza brasileira. Isto é, a fim de representar o Brasil, o autor incorporava nos seus textos a imagem do homem doente, incapaz de agir. Ao tratar desse povo triste, Prado queria modernizar o país e, por isso, buscava desvendar as dificuldades do brasileiro, para então ser estabelecida uma ação reparadora. E, realmente, era o que faltava para que a nação se intitulasse moderna. Para Nelson Rodrigues, segundo a leitura de Godoy, o fracasso dessa “nação moderna” estava na tentativa de manter as aparências:

Era mais importante expor que o fracasso da nação dita “moderna” não era assumido socialmente do que propriamente mostrar como ele acontecia, isto é, embora houvesse o fracasso, ele era fruto da tentativa frustrada de cultivar as aparências. É por isso que o fracasso da representação da nação como moderna passa a ser exposta em suas peças dos anos 1950, bem como em seus contos ou mesmo em crônicas de futebol (GODOY, 2008, p. 284).

A segunda relação diz respeito à teatralidade de que Nelson Rodrigues se utiliza em seus textos. Godoy, ao buscar o texto teatral como fonte, não trata do futebol em si – busca um paralelo entre as tragédias cênicas, dignas de um caderno policial, e a imagem nacional representada pelo futebol na crônica. Seria, portanto, esse o sentido da teatralidade rodrigueana: representar o fracasso da nação moderna brasileira como um todo, por meio da dramaticidade que imprime no esporte.

No teatro, os conflitos são vivenciados pela família pequeno-burguesa ou de classe média baixa da Zona Norte do Rio de Janeiro, pois são elas as que mais tentam esconder os fracassos diários de não pertencermos a uma “nação moderna”. É desse substrato cultural que Nelson Rodrigues bebeu para construir os contos-crônicas de *A vida como ela é...*, que não só dão um tratamento literário-teatral às crônicas policiais como também expõem a precariedade da vida do próprio autor e da sua sociedade contra a unanimidade da política governamental que se pretendia moderna (GODOY, 2008, p. 274).

## Considerações Finais

Cabe ressaltar que, de acordo com a análise de Antunes (2004), os discursos de Nelson oscilaram, ora tratando o homem brasileiro como herói, ora falando da falta de organização que se refletia nos campos de futebol. Entretanto, sobretudo nos fins da década de 1950, o dramaturgo escrevia sobre o esporte de maneira solitária, uma vez que elaborava discursos ufanistas de apoio à seleção brasileira, sem conseguir, até este momento, traduzir a desorganização das metrópoles por meio do “esporte bretão”.

Nos estudos de Antunes (2004), Marques (2000) e Godoy (2008), pode-se perceber de maneira unânime que a característica que difere Nelson Rodrigues dos demais cronistas é exatamente a teatralidade que o autor imprime em seus textos. A marca do autor é exatamente essa autonomia artística, que sempre se faz presente em suas crônicas. Nesse sentido, a problemática dos três estudos se pauta na compreensão desta teatralidade, uma vez que, mantendo um forte compromisso com a estética textual, Nelson acaba por elaborar representações da nação brasileira, principalmente utilizando-se do futebol para tal.

Sendo assim, Marques, que chama essa dramaticidade exagerada de “neobarroco”, defende que essa estética barroca se estabelece na crônica rodrigueana pelo exagero textual, que tornaria o futebol mais importante do que os problemas sociais. Tal como já exposto, não se pode esquecer que Nelson Rodrigues era um teatrólogo que via na crônica uma maneira de subsistência e, enquanto cronista, dedicava-se à crônica esportiva. Portanto, cabe ressaltar, é certo que supervalorizasse o futebol em relação aos outros problemas da nação, afinal, era pago para isso e não para falar do governo militar ou da fome devido à seca no nordeste.

Ortiz (1994), ao tratar das diferentes abordagens dadas à identidade nacional, variando no decorrer de períodos distintos, estabelece dois aspectos importantes que determinariam o conceito da identidade brasileira: o regime político e a interpretação do autor. Ora, a identidade nacional seria, portanto, correspondente a propostas e ideologias do regime vigente; entretanto, ao mesmo tempo, estaria sujeita ao modo com que cada autor – intelectual ou literato – posiciona-se diante de tais ideais.

Nesse sentido, em se tratando das crônicas esportivas, pode-se dizer que a identidade nacional, segundo Nelson Rodrigues, estabelece-se como uma interpretação dos preceitos propostos por Gilberto Freyre já na década de 1930. Mesmo que isto não referenciasse suas obras, de maneira explícita, Nelson era partidário do enaltecimento do homem brasileiro que, para ele, tinha no mestiço a perfeita representação. O mulato era a personificação de uma brasilidade definida pela criatividade, agilidade, ginga e alegria, elementos que, tal como exposto anteriormente, faziam-se visíveis ao longo das partidas de futebol.

Esse ideal de identidade nas crônicas rodrigueanas é praticamente invariável. Vez ou outra, ele transitava pelo ideal do “homem cordial”, de Sergio Buarque de Holanda (CAPRARO, 2007), entretanto, para criticar a submissão do brasileiro, definida na figura do complexo de vira-latas, tão recorrente em seus textos. Já que a identidade é determinada pela diferença, que identificará um povo qualquer diante dos demais, para o brasileiro, a característica distintiva é a mestiçagem (ORTIZ, 1994). E, para Nelson Rodrigues,

esta deveria ser enaltecida.

Bibliografia:

ANTUNES, F. M. R. F. “*Com Brasileiro Não Há Quem Possa*”: futebol e identidade nacional em José Lins do rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

BORGES, L. H. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Dissertação em História. UNB, 2006.

CANDIDO, A. et. al. *A Crônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Queroz, 2000.

CAPRARO, A. M. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese em História. UFPR, 2007.

CASTRO, R. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FERREIRA, G. Crises da República: 1954, 1955, 1961. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). *O Brasil Republicano – O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe militar de 1964*. Livro 3. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FREITAS JÚNIOR, M. A. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Tese em História. UFPR, 2009.

GODOY, A. P. *O futebol no Brasil como sinônimo de êxito nacional? As representações literárias da nação na obra de Nelson Rodrigues dos anos 1950*. Projeto História, São Paulo, n.36, p. 269- 291, jun. 2008.

GUSMÃO, H. B. *Nelson Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: o projeto teatral rodriguelano em aliança com a Sociologia freyreana*. Anais das Jornadas de 2007. Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ.

HELAL, R.; GORDON JR, C. Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

\_\_\_\_\_; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e*

- idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBSBAWM, E.; RENGER, T. (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MAGALDI, S. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- MELO, V. A. *Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v. 20, n.4, p.281-95, out./dez. 2006.
- \_\_\_\_\_. Eficiência X Jogo de Cintura: Garrincha, Pelé, Nelson Rodrigues, Cinema, Futebol e Construção da Identidade Nacional. In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. *Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, FAPERJ, 2006.
- OLIVEIRA, L. L. Sinais da Modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do estado Novo*. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RICALDE, D. N. *A crônica esportiva de Nelson Rodrigues*. Trabalho de conclusão de curso em Letras – UFRGS, 2007.
- RODRIGUES, N. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Menina Sem Estrela: Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTOS, N.; CAPRARO, A. M.; LISE, R. S. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v.16, n.4, p.191-208, out./dez. 2010.
- SEVCENKO, N. *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SOARES, A. J. Futebol Brasileiro e Sociedade: a Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre. In: *Futbológicas. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires:

Clacso, 2003.

SOIHET, R. O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do estado Novo*. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.